



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

ELAINE CRISTINA DA SILVA RAMOS

**ANÁLISE AS FACHADAS DAS IGREJAS: DA ORDEM
TERCEIRA DO CARMO, NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO
MONTE E DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NA CIDADE DE
CACHOEIRA – BAHIA.**

CACHOEIRA – BA
2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

ELAINE CRISTINA DA SILVA RAMOS

**ANÁLISE DAS FACHADAS DAS IGREJAS: DA ORDEM TERCEIRA DO
CARMO, NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO MONTE E DE NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO NA CIDADE DE CACHOEIRA – BAHIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como pré-requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Museologia pela
Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia, sob orientação do Prof. Ms.
Archimedes Ribas Amazonas

CACHOEIRA – BA

2012

TERMO DE APROVAÇÃO

ELAINE CRISTINA DA SILVA RAMOS

**ANÁLISE AS FACHADAS DAS IGREJAS: DA ORDEM
TERCEIRA DO CARMO, NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO
MONTE E DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NA CIDADE DE
CACHOEIRA – BAHIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 06 de dezembro de 2012.

Banca Examinadora

Archimedes Ribas Amazonas (Orientador) _____
Bacharel em Museologia – UFBA
Mestre em Cultura e Sociedade – UFBA

Ricardo José Brügger Cardoso _____
Arquiteto e Urbanista – IMB
Mestre em Urbanismo – URFJ
Doutor em Teatro – UNIRIO

Arianne Oliveira Santos _____
Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

“(...) o monumento não tem porta a entrada é uma rua antiga estreita e torta e no joelho uma criança sorridente feita e morta estende a mão (...)”.

**Caetano
Veloso**

Dedico este trabalho,

Dedico este trabalho aos meus amados avôs pelo carinho pelo apoio emocional e financeiramente, pois sem estes os meus sonhos não se concretizavam, foi buscando nessas pessoas que tirei forças para lutar e seguir em frente completando mais está conquista em vida a eles todo meu amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

São Sempre Especiais,

A Deus pela sua benção e glória que derramou sobre meu ser fazendo compreender que é preciso lutar sempre e desistir jamais.

A minha família em especial meus avós pelo apoio moral e incentivo financeiramente e a dedicação para comigo todo esse tempo. Aos amigos que trago em meu peito com muito respeito e um carinho enorme. Menderson Arianne, Narayana, Evamy, Rita dos Santos, Jomar, Angélica, minha tia Joana minha grande amiga que sempre me ergue em momentos tão difíceis.

A todos meus professores que me acompanharam a esse longo período, Ana Paula Pacheco, Carlos Costa, Luydy, Camila, Fabiana Comerlato, Cristina Ferreira, Suzane Pinho Pêpe, Heráclito, Rita Amilco, Luiz Fernando, Salete Nery, Ana Cristina, Rita Salvador, Ricardo Brugger, Luis Antônio.

A minha primeira orientadora e professora Rita Doria pelos ensinamentos em conservação muito bem representada.

Aos servidores Elaine e Gildo (museólogos) que contribuiriam muito para essa nova etapa em minha vida E ao meu orientador pela grande paciência todo esse tempo e por ter me aceitado carinhosamente a construir esse trabalho trazendo suas criticas observações e contribuindo de uma forma extraordinária nessa etapa final.

Obrigada a todos.

RESUMO

Este trabalho, apresenta e descreve a importância da preservação das fachadas das igrejas: Ordem Terceira do Carmo, Igreja Matriz NSr. do Rosário e Igreja de NSr. da Conceição do Monte. Abordando conceitos relevantes para a compreensão no campo da arquitetura brasileira. Por fim, comenta sobre a possibilidade de se preservar estes patrimônios. Fazendo uma ligação entre a importância histórico-cultural, da cidade de Cachoeira – Bahia, inter-relacionando os fatores de desenvolvimento atual. Através de parâmetros sociais e econômicos.

Palavras- chave: Ordem Terceira do Carmo, Igreja Matriz NSr. do Rosário, Igreja de NSr. da Conceição do Monte, Cachoeira, fachadas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAHL – Centro de Artes, Humanidades e Letras

IPAC – Patrimônio Artístico Cultural da Bahia

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

PLS – Projeto de Lei do Senado

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo Baiano

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	12
1.1- Histórico da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira	12
1.2 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte	19
1.3 Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário	23
1.4 - A Ordem Terceira do Carmo	23
Capitulo II - Estilos arquitetônicos	26
2.1 Barroco	26
2.2 O Rococó	28
2.3 Neoclassicismo	31
III Capitulo	33
3.1 Ordem Terceira do Carmo	33
3.1.1 - Descrição da fachada:	34
3.2 - Igreja Nossa Senhora Matriz do Rosário	35
3.1.2 – Igreja de Nossa da Conceição do Monte	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS:	39
ANEXOS	44

INTRODUÇÃO

Para entendermos o que hoje nos é apresentado como Patrimônio Material ou Imaterial é necessário um conhecimento preliminar do passado, e para tanto se faz indispensável uma investigação sobre a natureza do objeto, uma vez que o mesmo não fala por si só, ele depende das mais variadas áreas do conhecimento para comunicar estas informações. A Museologia como área de conhecimento que conhecemos hoje, se relaciona com diversas áreas, tais como: Antropologia, Documentação, Gestão, História da Arte, Arqueologia, Expologia, Conservação e tantas outras que juntas vão auxiliar na busca pelo melhor entendimento das informações obtidas dos objetos que conseguem vencer o tempo chegando até a contemporaneidade. Para isso esta área do conhecimento segue critérios e normas especializadas que vão ser utilizados de acordo com o acervo pesquisado, buscando sempre a melhor forma de gerenciar essas informações o que facilitará a Preservação e Conservação dos mesmos.

A intenção de desenvolver este trabalho de caráter monográfico, é a de analisar as fachadas das igrejas: Ordem Terceira do Carmo, Nossa Senhora da Conceição do Monte e de Nossa Senhora do Rosário, situadas na Cidade de Cachoeira – Bahia. A metodologia utilizada para a realização do presente trabalho, foi baseada nas pesquisas bibliográficas, de referência sobre história da arte, arquitetura, estilos da época, histórico social. Cachoeira durante os séculos XVII e XVIII, foi umas das vilas mais importantes, populosas e ricas do Brasil Império e preserva até os dias atuais parte dos seus prédios históricos, igrejas e casarios, tendo assim depois de Salvador, o maior e mais importante acervo arquitetônico no estilo barroco na Bahia.

Este trabalho é composto de três momentos, sendo que no primeiro momento apresentaremos o histórico da cidade de Cachoeira e para tal vamos utilizar autores como, José Joaquim Arnizaú. Será utilizado também: o artigo *Aspectos da Vila de Cachoeira no final do século XVIII: apontamentos e reflexões*, de autoria de Luydy Fernandes e Ana Audebert, as dissertações de Mestrado de Sérgio Guerra Filho, que tem como tema: *O Povo e a Guerra: Participação Popular*

na *Guerra de Independência na Bahia (1822-1823)*, e a de Juliana Neves, *Colonização e resistência no Paraguaçu – Bahia, 1530 – 1678*. E ainda, outras fontes que vão nos nortear sobre a criação, crescimento e declínio de uma cidade de importância fundamental para a política e a economia do século XVI até início do século XIX, como foi Cachoeira. Para a produção do histórico das instituições religiosas utilizamos o Inventário de Proteção do Acervo Cultural – IPAC-BA. Assim como o livro lançado pelo IPHAN e o Programa Monumenta com o título de: *Conjunto do Carmo de Cachoeira*, outro autor que utilizamos foi Sebastião Costa e por último o livro de Edmar Santos: *Sambas, Batuques e Candomblés em Cachoeira – BA*. Estas fontes foram de grande importância para nossa pesquisa.

No segundo capítulo, comentaremos os estilos arquitetônicos utilizados nessa pesquisa começando pelo estilo barroco, passando pelo rococó, terminando no neoclássico, onde observamos as influências que os mesmos passaram. Para esta conceitualização de estilos utilizamos o artigo de Vilmar Mayer: *Aspectos Gerais da Arquitetura Religiosa Colonial Baiana* e autores, tais como: Affonso Ávila, Giulio Carlo Argan, Rui Bibiano, Robert C. Smith, Germain Bazin e Percival Tirapeli

No terceiro e último capítulo iremos fazer o estudo de caso, onde iremos descrever/analisar as fachadas das três igrejas acima citadas e por último sugerir ações que possibilitem uma conservação desses imóveis.

CAPÍTULO I

Este capítulo apresenta um breve histórico sobre a criação da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira¹, no século XVI, sendo considerada até o meado do século XIX, como uma das vilas mais ricas e agradáveis do país. Como legado de toda essa riqueza dos áureos tempos dos engenhos de açúcar ficou um conjunto arquitetônico ímpar, contando com um número significativo de casarões e igrejas, dentre elas, a Nossa Senhora da Conceição do Monte, Igreja da Ordem Primeira do Carmo e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, as quais serão, objetos de estudo.

1. 1. Histórico da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira

A Cidade que hoje chamamos de Cachoeira², foi fundada na margem esquerda do trecho navegável do rio Paraguaçu. Devido o processo de ocupação das amplas extensões de terras férteis na região do Recôncavo, para o plantio da cana de açúcar, o pequeno povoado foi crescendo ao redor do engenho da família Adorno. O rei D. João III em 1557 concede a D. Álvaro Rodrigues Adorno uma carta de sesmaria³, como recompensa pela primeira tentativa de ocupação do local como também pela tentativa de acordo que este fez com os grupos indígenas que eram os legítimos donos das referidas terras.

Os ataques indígenas persistiam destruindo as casas e lavouras dos moradores locais o que dificultava o desenvolvimento deste povoado, foi então que o Capitão-Mor, Gaspar Rodrigues Adorno, em 1651, depois de varias expedições e de inúmeras lutas empreendidas contra os índios (que resistiam à ocupação de suas terras), consegue combatê-los e até mesmo pacificá-los temporariamente, ganhando como recompensa pelos serviços prestados, quatro léguas de terras em ambas as

¹ Ver anexo A, p.

² Ver anexo B, p.

³ Lote de terra inculto ou abandonado, que os reis de Portugal cediam a sesmeiros que se dispusessem a cultivá-lo:

margens do Paraguaçu. Seu filho o Capitão João Rodrigues Adorno, que mantinha um bom relacionamento com os grupos indígenas da região, vem se instalar no povoado de Cachoeira em 1654, com a missão de incentivar o povoamento da região que teve início em meados do século XVI. Mesmo sofrendo diversas intervenções, ao longo dos séculos as construções daquela época que perduram até os dias atuais são: Capela de Nossa Senhora D'Ajuda (1673), que no primeiro momento se chamava Capela de Nossa Senhora do Rosário, como afirma Henry Luydy Fernandes:

(...)ergue-se a primitiva Matriz, dedicada a Nossa Senhora da Ajuda, levantada em fins do século XVII, mais precisamente em 1687, datação indicada na própria obra, embora se saiba ser essa já uma reconstrução de outra anterior ermida, datada do período de 1595 a 1606, cujo orago era Nossa Senhora do Rosário. (FERNANDES, 2007, p. 7)

E o sobrado de João Rodrigues Adorno (1683) que foi construído num ponto elevado do povoado, estando fronteiro ao lado direito da referida capela. É esta importante edificação que hoje abriga a Prefeitura Municipal desta cidade. Com o desenvolvimento do povoado em 18 de Novembro de 1674, este passou a ser considerado como Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. Em Janeiro de 1698, a então Freguesia por já ser um importante entreposto de mercadorias, sendo os produtos produzidos no interior levados para a capital (Salvador), esta foi promovida a Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira.

O que fez de Cachoeira, uma vila próspera, foi não só a sua excelente localização a margem esquerda do Rio Paraguaçu onde deságua nas águas adjacentes à Baía de Todos os Santos. Como também o solo e clima tão propícios para a produção de cana-de-açúcar, de fumo e gêneros de abastecimento, produtos até hoje contemplados no município. Graças à abertura das estradas para a região das minas e sertões que começavam exatamente na vila de Cachoeira, esta soube aproveitar a localização privilegiada para se tornar um importante entreposto de mercadorias entre o sertão e o litoral. Por esta importante ligação entre o interior e a capital como afirma José Arnizáu (1862, p. 127)

“(…) tropeiros que da Jacobina, de Minas Geraes, Goyaz, Villa da Barra, rio de S. Francisco, Maranhão, e Piauíhy (...)” vem até a vila da Cachoeira que por ser o último ponto navegável do rio Paraguaçu passa a ser o mais importante centro de embarque de produtos para capital da província que de acordo com Márcia Bonfim (2006, p.38) “(...) durante três séculos, Salvador foi a aglomeração urbana mais importante e mais populosa do Brasil, e seu porto, o principal do país.”

Por ter se tornado o mais importante pólo de escoamento da produção de açúcar dos engenhos da região, do ouro em pó e em barra, vindo tanto da região do Rio de Contas, como das Minas Gerais, é quando a vila de Cachoeira conhece seu período mais próspero e de maior efervescência comercial e cultural. Com o desenvolvimento econômico do final do século XVII e todo o século XVIII, Cachoeira vive seu apogeu político, financeiro e arquitetônico são dessa época os monumentos arquitetônicos de cunho eclesiástico, como relata Arnizáú em seu livro *Memória topográfica, histórica, comercial e política da Villa da Cachoeira da Província da Bahia*:

(...) seus principais templos religiosos eram a Igreja paroquial dedicada a Nossa Senhora do Rosário, um convento de carmelitas calçados, uma ordem terceira subordinada aos mesmos, e cinco capelas: Nossa Senhora d'Ajuda, Conceição do Monte, São Pedro, Amparo e São João de Deus. (ARNIZÁU, 1862, p. 129)

Desse período também podemos destacar as casas, casarões, sobrados coloniais, prédios públicos, e outros templos religiosos que testemunham a imponência de um passado de riqueza, e a opulência do centro histórico. Podemos destacar os casarões da Praça da Aclamação; o Chafariz da Praça Dr. Aristide Milton; Fórum de Cachoeira; o Paço Municipal; Casa de Câmara e Cadeia; Capela da Santa Casa de Misericórdia; Prédio da Fundação Hansen Bahia; Arquivo Regional de Cachoeira, dentre tantos outros que traduzem o espírito suntuoso da época. No início do XIX, com a expansão do Império Napoleônico por toda a Europa, a família Real Portuguesa decidiu mudar-se para o Brasil, que deixa de ser uma colônia, passando a ser sede da Corte Portuguesa nas Américas. Mas o aumento das tensões políticas e econômicas em Portugal faz com que o então Rei D. João VI volte para as terras Lusitanas em 1821, deixando seu filho D. Pedro como Príncipe Regente do Brasil.

Com a partida de D. João VI para Portugal começaram a surgir articulações para dar autonomia e legitimidade política ao Brasil, esses ideais contavam com o apoio das províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Com esses novos ideais políticos que advinham do sul do Brasil a situação na província da Bahia, começou a mudar e por sua proximidade com as terras lusitanas, essa região começa a ser palco de inúmeros confrontos entre tropas baianas e portuguesas como afirma Sergio Guerra Filho (2004, p.21).

(...) No dia 19 de fevereiro de 1822, tropas portuguesas e baianas estas contando com a participação de alguns civis, se chocam nas ruas de Salvador, com vantagens para os primeiros, O Brigadeiro Ignácio Madeira Melo liderava as tropas portuguesas que não aceitava a independência do Brasil do reino lusitano e com os freqüentes confrontos entre os grupos e as sucessivas baixas sofrida pelos que apoiavam a causa brasileira fez com que tanto a população civil como os militares baianos comesçassem a procurar a região do recôncavo como abrigo e montando nas vilas dessa região a resistência militar aos portugueses.(...)

Guerra Filho afirma ainda, que entre os meses de:

(...) Fevereiro e maio de 1822 terem sido usados para “conspiração”no Recôncavo e há registro de um significativo aumento da compra de pólvora e mantimentos nas vilas, indicativo de que a guerra era , senão já planejada, ao menos esperada pela população do Recôncavo, aumentada pelo fluxo de gente vinda da capital baiana. (Guerra,2004,p.21)

Mas é na vila de Cachoeira que os conflitos irão tomar uma proporção maior, depois que o Brigadeiro Madeira Melo manda apor uma escuna canhoneira as margens do Paraguaçu, na altura da vila da Cachoeira com intuito de policiar a área. Esta atitude fez com que a população local, os negros libertos, religiosos, políticos locais, senhores de engenho e militares egressos da capital se organizassem para um possível ataque. No dia 25 de Junho as tropas patrióticas, decidem aclamar: (RIBEIRO, 2010, p.156)

“(...) Senhor Dom Pedro de Alcântara como Regente e Perpetuo Defensor e Protetor do Reino do Brasil” Para celebrar a decisão é celebrada uma missa, seguida de um cortejo de Te Deum na Igreja Matriz. Foi então que a escuna canhoneira abriu fogo contra a vila da Cachoeira como também atacou a povoado de São Félix, fazendo com que o povo reagi-se e revoltados lutassem, Belém e Iguape foram as primeiras localidades a enviar reforços, mas depois outros vilarejos também o fizeram e no final do terceiro dia de sucessivos ataques, os cachoeiranos conseguiram

abordar a escuna e prender o capitão e os sobreviventes da tropa portuguesa, mesmo com tanto sangue derramado o povo comemorou a vitória.(...)

Contando com o prestígio obtido depois da guerra pela independência, e pela prosperidade econômica e social, os habitantes da vila manifestam seu desejo de elevação à categoria de cidade, o que só veio acontecer em 13 de Março de 1837, pela Lei Provincial nº 44 com a denominação de “Heróica Cidade de Cachoeira”. Dessa Heróica cidade de Cachoeira que foi uma das vilas mais extensas da Bahia – irão se desmembrar diversas outras cidades como São Félix, Muritiba, Governador Mangabeira, Cruz das Almas, Feira de Santana, Tapera, atual Santa Teresinha, Curralinho, hoje Castro Alves, São Gonçalo dos Campos, Santo Estevão e Conceição de Feira. Na segunda metade do século XIX, as coisas começam a complicar, as lavouras canavieiras viviam momentos de crise geral, causada pela baixa produtividade, pelo atraso tecnológico, pela proibição do tráfico de escravos devido a Lei Eusébio de Queirós de 1850, mas é a falta de condições adequadas de higiene sanitárias que vai se tornar um fator determinante para o colapso da produção de cana de açúcar em 1850, segundo Maria Helena Flexor foi:

(...) a febre amarela atingiu a cidade, como epidemia. E se prolongou por três anos. Como a febre amarela, outro grande flagelo também partiu de Salvador: o “cholera-morbus” (a cólera). E em agosto de 1855 chegou à Cachoeira. A devastação provocada pela doença é um dos capítulos mais terríveis da história da Bahia, mas particularmente da história de Cachoeira. Calcula-se que só na cidade – cuja população na época tinha cerca de 15 mil habitantes – ocorreram 3 mil óbitos. (FLEXOR, 2007, p. 25)

Outro fator que contribuiu para o agravamento dessa situação foi à concorrência do açúcar de beterraba, produzido pelas colônias inglesas e posteriormente com o açúcar produzido no Caribe e com Cuba sendo a maior produtora e exportadora deste produto no final do século XIX. O preço pago ao açúcar nacional diminuiu drasticamente, encerrando o monopólio da economia açucareira, levando a fortes dificuldades econômicas não só no Recôncavo baiano, como em toda economia brasileira, pois deixou de ser o principal produto de sustentação da base econômica do Império. O açúcar continua na lista de produtos para exportação, assim como o tabaco produzido no recôncavo baiano começou a

ser exportado para Europa, Ásia e América do norte, sendo bastante valorizado nas zonas mineradoras também.

“(…) sobretudo entre o período de 1870 a 1900, quando o fumo passa a assumir a condição de segundo lugar na pauta de exportação e até mesmo ocupando a primazia em alguns anos excepcionais” (BOMFIM, 2006, p.60).

Sendo seguidos pelo café produzido no centro-sul, os diamantes e ouro vindo das Minas Gerais e da Chapada Diamantina, o algodão produzido no alto sertão e pelo cacau que passa a ser o principal produto de exportação no início do séc. XX, trazendo o sul da Bahia para o centro da economia agrícola nacional. Com o fumo em alta e o desenvolvimento das fábricas de rapé⁴, de charutos e cigarros a quantidades de fábricas que produziam esses produtos começaram a aumentar, foi – se aperfeiçoando a técnicas de produção e os artigos produzidos pelas fábricas locais tais como Leite & Alves, Suerdieck em Cachoeira e Costa Pena e Danemann em São Félix – que mantêm sua produção manual até os dias atuais – ganharam reconhecimento mundial, não só pela sua qualidade, mas também pela Guerra da Secessão⁵ nos Estados Unidos da América, da Guerra da Independência de Cuba⁶ e pelo consumo mundial que aumentou.

Dois problemas básicos determinaram a crise econômica que atingiu Cachoeira: o primeiro foi na agroindústria fumageira que passou por um processo de mecanização das indústrias cigareira que revolucionou toda a sua base produtiva e ocasionou a mudança nos hábitos dos fumantes no mundo inteiro, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial o mercado de charutos se contrai desestruturando todo o setor no Recôncavo levando o sistema ao colapso entre 1930. E o segundo, foi a reestruturação do sistema viário estadual, que diminuiu violentamente a condição da cidade como porto e núcleo viário, pois com o término da Rodovia Federal BR-324 que ligava Feira de Santana a Salvador o semi-árido pode enfim ter outro canal de comunicação com a capital. O desenvolvimento ocasionado pela mudança do fluxo comercial e agrícola da cidade de Cachoeira para Feira de Santana e a integração do sistema ferroviário baiano, que centralizou

⁴ Tabaco em pó, para cheirar.

⁵ A Guerra de Secessão foi uma guerra civil ocorrida nos Estados Unidos da América entre 1861 e 1865.

⁶ Guerra da Independência de Cuba contra o domínio espanhol entre 1895 e 1898.

no porto da Salvador a exportação e importação contribui de forma decisiva para o declínio da cidade de Cachoeira e cidades circun vizinhas.

Cachoeira passou um período de estagnação comercial e agrícola, como também o esvaziamento populacional que foi ocasionado pelo diversos fatores acima citados, na ultima década o Governo do Estado e o Governo Federal começam a dar atenção a esta região tão importante em tempos de outrora. Considerando a Importância de preservar a sua identidade, a sua história e seu Patrimônio Artístico e Cultural está foi contemplada com o título de Cidade Monumento Nacional, pelo Decreto nº 68.045 de 18 de Janeiro de 1971, devido ao seu Conjunto Arquitetônico e Paisagístico de beleza ímpar. Surgem então ações de reestruturação urbana como Projeto Monumenta⁷ que através de uma política de preservação, recuperação e conservação do patrimônio edificado urbano que de acordo com Romeu Duarte Junior (2010, p.52)

(...)os órgão responsáveis pela preservação deste acervo passa a tratar o "patrimônio cultural como um recurso ativo, num tempo em que as cidades históricas do país deixavam de ser vistas como monumentos acabados e passavam a ser tratadas como documentos."

Outra ação que vai ajudar neste processo de revitalização da região é a implantação pelo Ministério do Turismo de um Projeto de Turismo Étnico, para a região do recôncavo. Que está, a 110 km de Salvador, a cidade, vai se destacar neste segmento por ter uma diversidade etno-cultural, com suas religiões de matrizes africanas, seus terreiros e suas festas cheias de sincretismo religioso, prova disso é a Festa da Boa Morte, que atrai todos os anos, no mês de agosto, um público considerável para seus festejos. E por último, podemos citar a ação do Ministério da Educação que aprova a criação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que tem como objetivo o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão que irá contribuir para o progresso científico e tecnológico da região do Recôncavo. Como podemos ver abaixo:

[...] a intensificação do ritmo de desenvolvimento do Recôncavo Baiano requer a ampliação de oportunidades de qualificação universitária, nos diferentes campos de ação da sociedade, de modo a gerar conhecimento,

⁷ Que tem como objetivo a preservação, requalificação e refuncionalização das áreas prioritárias do patrimônio histórico e artístico urbano, estimulando ações que aumentem a consciência da população sobre a importância de se preservar o acervo existente.

inovar em tecnologia e contribuir para a solução dos problemas regionais. Sala das Sessões, 5 de novembro de 2002. – Senador Waldeck Ornélas. (BRASIL, PLS nº 242/2002)

Em 29 de julho de 2005, o então Presidente Luís Inácio Lula da Silva sanciona a Lei nº 11.151, que dispõe sobre a criação da UFRB, e no dia 03 de julho de 2006, a UFRB inicia suas atividades com um modelo de universidade *multi campi*, contemplando os municípios de Amargosa, Cachoeira, Cruz das Almas e Santo Antonio de Jesus. No campus de Cachoeira está instalados o Centro de Artes, Humanidades e Letras – CAHL, que oferece os cursos de graduação: Artes Visuais, Ciências Sociais, Cinema e Audiovisual, Comunicação, Gestão Pública, História, Museologia e Serviço Social, mantendo também um programa de Pós-Graduação em História da África e outra em Teorias e Métodos de História, oferecendo ainda um Mestrado Acadêmico em Ciências Sociais com duas linhas de pesquisa sendo a primeira voltada a Identidade, Diversidade Cultural e a segunda em Desigualdades Sociais e Políticas de Desenvolvimento Territorial. As transformações ocasionadas, pela chegada da universidade à cidade traz alguns conflitos entre a população local e seus novos moradores. Os moradores de Cachoeira culpam os estudantes, professores e funcionários pelo aumento dos preços dos alugueis, pelo aumento no consumo de álcool e drogas e conseqüentemente com o aumento dos índices de violência.

Em 2007 o governador Jaques Wagner, considerando a importância que a vila de Cachoeira exerceu na luta pela Independência do Brasil em 1822, sanciona a Lei 10.695/07 que faz da cidade de Cachoeira a 2ª capital da Bahia, transferindo no dia 25 de junho a sede do governo baiano de Salvador para o referido município.

1.2 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte⁸ como conhecemos hoje, tem uma história que nos remota ao século XVIII, segundo Sebastião Costa em sua obra Imagística de Cachoeira nos diz que:

(...) Sua origem está associada ao sonho de uma freira chamada Belarmina. Ela era de origem rica e pediu ao pai, abastado senhor de engenho, que construísse uma igreja na Vila de Cachoeira no alto de um monte. Esse pedido se prendia ao fato da Virgem Maria ter aparecido àquela religiosa apresentando aquela mensagem. O pai negou-lhe o pedido, e conforme a tradição, ela, frustrada, deixou o convento para se engajar nessa obra. (COSTA, 2008, p.25)

Assim, com a construção da casa de oração no alto do monte, dar-se início ao culto em homenagem a Nossa Senhora da Conceição do Monte. O terreno foi uma doação do Senhor José Gonçalves Fiúza, então sargento-mor da vila de Cachoeira e casado com D. Florinda de Araújo Aragão, proprietária do engenho da Ponte, também conhecido como S. Domingos do Ponto das Garças ou Ponte, no Iguape. O casal era proprietário de partes das terras que hoje fazem parte da zona urbana de Cachoeira. Em 1780 é criada a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Monte, sendo aceitos como integrantes da irmandade a aristocracia cachoeirana, sendo de responsabilidade dos participantes o cuidado com o templo e com seu acervo, se responsabilizando também pela festa de sua padroeira. Hoje a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Monte é composta por pessoas de todas as classes sociais de Cachoeira sendo hoje, presidida pelo professor Isaac Tito.

No ano de 1784, o mesmo senhor que doa o terreno para a construção da pequena capela, manda edificar no mesmo local a que hoje conhecemos como Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte, para tal empreitada teve o auxílio de Manoel Ferreira de Almeida que é considerado por muitos como benfeitor da mesma, pois ajudou na arrecadação de donativos para embelezamento do templo. Mas devidos a frequentes enchentes do rio Paraguaçu, os moradores mais

⁸ Ver anexo C, p.

abastados da vila de Cachoeira começam a procurar os pontos mais elevados para erguer suas moradias afastando-se das margens do rio. Aos poucos o Alto da Conceição do Monte, vai se tornando moradia das famílias mais ricas de Cachoeira, como nos relata Luiz Cláudio Nascimento, no trecho abaixo:

(...) Foram esses homens ricos que em 1872 interferiram junto a administração pública no sentido de efetuar melhoramentos na colina da Conceição do Monte, transformando-a num belvedere. Em 23 de março daquele ano, o médico da municipalidade, Dr. Francisco Romário de Souza, deu seu parecer sobre as condições da preceta ali construída, com o seguinte teor:

“Não tendo, até o presente, se entendido a comissão nomiada, em sessão de 15 de dezembro próximo findo, por esta illustre Camara, para dar parecer a construcção e utilidade a uma praçeta, feita na montanha, em que se acha collocada a Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte, entendo ser do meu dever levar ao conhecimento d’esta illustre Camara a minha opinião sobre o ultimo ponto que diz respeito a hygiene. Considerando que a obra está construída em um terreno secco, onde as águas pluviaes não ficam estagnadas; a sua não muito aproximação do rio; a elevação regular da montanha, onde há bastante ventilação ou constante renovação do ar, condições estas que constituem uma boa hygiene; e ainda mais dando a praçeta maior espaço a montanha e juncta um Templo onde há constantemente na estação quente [oito de dezembro, festa de Nossa Senhora da Conceição], festas e, portanto agglomeração do povo, julgo, em vista d’estas consideração, que a obra é de utilidade .” Fonte: Site Cachoeira online.

Com a dedicação dos integrantes da Irmandade foi possível a conclusão da obra que edificava a torre sineira em 1846 sendo também concluída embelezamento da Igreja pelo Antonio João Bellas, que ficou responsável pelo término da obra, quando Manoel Ferreira de Almeida, morreu sendo que em 1852, foi efetuado o lajeamento do altar-mor da nova capela. De acordo com a ficha catalográfica de Monumentos do Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia (IPAC, 1982): 1853 – É reformado pela última vez o Compromisso da Irmandade; 1981- no dia 20 de março foram roubadas todas as imagens, mas posteriormente foram recuperadas.

Contudo a Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte como diversas outras igrejas católicas de Cachoeira, servem tanto para ritos e festas católicas, como também é utilizados para as festas do “povo de santo”. Neste caso específico temos os festejos do terreiro L’Oba Nekun Filho, conhecido como candomblé do Monte, fundado por D. Lira de Iemanjá em 1930 que fica situado na Rua Outeiro do

Monte, nas proximidades da Igreja. No dia 1º de Junho dar-se início aos festejos do terreiro que tem pela manhã tem reza e procissão sendo que depois os frequentadores do terreiro fazem rodas de samba e distribuídos doces e guaraná aos participantes da festa. Esta mesma igreja passou recentemente por obras que foram realizadas pelo Monumenta programa do Governo Federal, que tem contrapartida o Governo Estadual e que segundo dados do IPAC/BA: O valor gasto na obra foi de R\$ 1.127.856,56 (Contrapartida do Governo Estadual) sendo a área total de abrangência do projeto foi de 682,62 m². Foram realizados serviços, sem alteração da planta original.

(...) Serviços: limpeza dos acréscimos espúrios ao monumento, retirada de materiais inseridos ao longo do tempo e que não possuem valor histórico, nem artístico. O restauro da igreja trata da retomada de seu aspecto erudito e das funções, claro que adaptadas ao dias de hoje, onde a igreja está mais voltada às questões sociais. O conceito básico desta intervenção é o de recuperação do aspecto (imagem) através da recuperação da estrutura (matéria) e limpeza de acréscimos que impedem a visualização dos mesmos. A Igreja de N. Sra. da Conceição do Monte, finalizada em 1882, tem estilo neoclássico, com partido recorrente após a contra-reforma em meados do século XVI. Foi tombada pelo IPHAN em 1971 como parte do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico de Cachoeira. Sofreu algumas intervenções. No interior da igreja estas intervenções são mais visíveis, pois se tratava de substituições aleatórias de materiais e até mesmo, tentativas restaurativas. O partido da intervenção foi de manter suas funções religiosas, fazendo apenas a adaptação de dois espaços para a construção de banheiros, como forma de adequar às necessidades da Irmandade da Conceição do Monte e a abertura das salas que foram segmentadas. Portanto não houveram alterações de partido, mantendo-se a planta original com adro, nave, transepto, salas laterais, a ala privada, e os corredores laterais, apenas com acréscimo dos banheiros. Subdivisões: átrio, capela, batistério, nave, corredores laterais, transeptos, capela-mor, presbitério, coro. Sacristia, banheiro, consistório, salas diversas e torre. Fonte: site do IPAC.

As celebrações em tributo a Imaculada Conceição do Monte, acontece no mês de dezembro, sendo a primeira atividade desenvolvida pela comunidade o novenário, que ocorre até o dia oito de dezembro. As atividades neste dia, começam por volta das seis da manhã com a alvorada com salva de 21 tiros, às nove horas da manhã reza-se o Ofício de Nossa Senhora, e às dez horas acontece a solene Celebração eucarística, em louvor a Nossa Senhora da Conceição do Monte. Sendo que às cinco da tarde parte da referida igreja, uma grandiosa procissão, que percorre as principais ruas da cidade, tendo suas atividades finalizadas com a bênção do Santíssimo Sacramento. Na Igreja de Nossa Senhora

da Conceição do Monte acontecem missas em louvor a Nossa Senhora das Candeias, Santo Antonio, São Benedito e na segunda quinzena de novembro acontece os festejo para Santa Cecília que é padroeira dos músicos.

1.3 Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário

Localizada na Rua Ana Nery, sendo um edifício de grande valor monumental, tendo sua planta retangular e recoberta por telhados de duas e meias águas que terminam em cornijas. O seu frontispício é do tipo templo, ladeado por duas torres com terminações piramidais revestida de azulejos, O acesso se faz pelo portal de lioz coroado por um nicho e formado por três arcos plenos, com frontões em volutas. Entre as janelas do coro e a cornija existem mais uma fila de vãos. O seu interior é rico, integralmente revestido de azulejos historiados, com mais de 4m de altura forros em abobadas recobrem a nave e capelas: mor e do transepto⁹, o forro da nave exhibe pintura ilusionista e os da sacristia e coro, medalhões sua talha é original que se conserva na sacristia, tribunas e púlpitos. As demais são neo clássicas sua carpintaria é excelente representada por dois arcazes¹⁰ cancelo e grade do Santíssimo são de lioz¹¹: a escadaria do altar, lavabo com golfinhos, pia batismal e duas conchas de água benta. Seu rico acervo compreende: Em inúmeras imagens, doze telas, muitas alfaias e um sacrário de prata.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário, atual matriz da cidade da Cachoeira, já pronta na primeira metade do século XVIII, capela sob invocação de Nossa Senhora do Rosário (atual capela Nossa Senhora D' Ajuda). Perante essa Igreja, àquela época, iniciava-se da sua fachada com portadas ornadas em cantaria sobre lioz portuguesa, infelizmente não desvendada pelo ângulo da representação, um adro que se prolongava para fora da urbe, com uma área construída de 1.653 metros quadrados, a Igreja Matriz integra o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Cidade

⁹ Galeria transversal que, numa igreja, separa a nave do corpo, e que forma os braços da cruz nas igrejas que apresentam essa disposição: "Organiza-se uma pequena procissão dentro da igreja, que vai desde a capela da Virgen del Sagrario, pelo transepto, desce a nave direita e sobe pela esquerda" (Antero de Figueiredo, Toledo, p. 63).

¹⁰ Grande arca com gavetões, usada em sacristias, para guardar vestes e objetos sagrados.

¹¹ Diz-se de, ou pedra calcária branca e dura usada em cantaria, estatuária, etc

de Cachoeira, tombado pelo Iphan sob o nº 049 do Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Construção do Século XVIII localizada entre a Rua Ana Nery e a Praça 13 de Maio, inicia-se a construção da igreja no final do séc. XVI, sendo os trabalhos prolongados por longos anos. A obra foi custeada pela população local e contou com o auxílio da coroa real. Igreja definida por planta retangular, com corredores superpostos por tribunas e sacristia transversal. Sua estrutura é constituída por caixa de paredes auto-portantes, de alvenaria mista de pedra e tijolo, que suporta os assoalhos e cobertura. O frontispício é do tipo templo, ladeado por duas torres com terminações piramidais, revestidas de azulejos. Seu interior é muito rico, integralmente revestido de azulejos historiados, com mais de 4 m de altura. Forro em abóboda recobrem a nave e capela-mor. A pintura do forro da nave é do tipo ilusionista italiano e teve como artista o pintor José Joaquim da Rocha. Seu acervo compreende numerosas imagens, telas, alfais e sacrário de prata.

sendo um edifício de valor monumental, apresentando uma planta retangular é recoberta por telhados de duas e meias águas, que terminam em cornijas. O frontispício é do tipo templo, ladeado por duas torres com terminações piramidais revestidas de azulejos. O acesso se dar por portal de lioz coroado por um nicho e formado por três arcos plenos, com frontões em volutas. Seu interior é revestido de azulejos historiados, com mais ou menos 4m de altura. Forros em abóbadas recobrem a nave e capelas: mor e do transepto. O forro da nave exhibe pintura ilusionista e os da sacristia e coro, medalhões. A talha original se conserva na sacristia tribunas e púlpitos. As demais são neo-clássicas. Carpintaria excelente, representada por dois arcazes, cancelo e grade do Santíssimo. São de lioz: escadaria do altar, lavabo com golfinhos, pia batismal e duas conchas de água benta. Seu acervo é composto por numerosas imagens, dozes telas, muitas alfaias, e um sacrário de prata. Com uma área construída de 1.653 metros quadrados, a Igreja Matriz integra o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Cidade de Cachoeira, tombado pelo Iphan sob o nº 049, do Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico

1.4 - A Ordem Terceira do Carmo

Encontra se localizada na Praça da Aclamação, conjunto de um elevado valor monumental tendo como elemento de elegância e um dos fatores principais que a diferencia de todas as Ordens construídas na Bahia nos períodos entre os séculos XVII e XVIII o seu claustro que é seu representante polarizador. Sua fachada é do tipo templo, apresentando portada em duas ordens de pilastras sustentando um frontão no estilo de voluta partida superposta por escudo da Ordem em estuque, ligando as igrejas da O. III e do Convento abrindo uma ampla loggia com pilares octogonais. O seu interior é revestido de azulejos figurados e talha dourada de duas épocas, entre as tribunas existem telas representando santos. O destaque também para os forros em gamela com pinturas da nave e em abóbada de berço da capela mor, coro e cancelo de jacarandá contornando toda nave e intercalando de confessionários. Sua sacristia com forro em medalhão possui: de um lado um duplo arcaz de jacarandá com altar rococó do outro lado possui um armário para imagens de procissão, com pintura imitando tartaruga e flores orientais. O seu lavabo de lioz completa sua decoração. Ainda falando da Ordem Terceira do Carmo, possui o seu cemitério que apresenta carneiras com tampas de madeira decoradas e um altar de estuque. A Ordem Terceira surgiu como parte de associações religiosas composta de leigos, essas associações ou irmandades estavam muito em moda no século XVI, pois o catolicismo era a religião obrigatória e tantos os homens quanto as mulheres pertenciam a uma dessas confrarias, acreditando que estariam tendo assistência espiritual mesmo depois de morto. Teve seu auge no século XVII e anunciando o seu declínio no primeiro quartel do século XX.

Segundo Flexor, foi a :

(...) conta a tradição, a maioria dessas ordens era constituída por colonos brancos de descendência portuguesa, em geral senhores de terras e prósperos comerciantes. Ao lado delas, irmandades e confrarias acolhiam negros e mulatos. Não há estudos ou notícias acerca da inserção dos índios nessas comunidades. (FLEXOR, 2007, p. 61)

Elas quase sempre agregavam os seus por terem algo em comum, podendo ser uma devoção, ou semelhanças econômicas, raciais ou sociais. Elas tinham como função a pratica de atos de caridade, piedade, prestando assistência em caso

de enfermidade, velhice, invalidez, morte ou mesmo carência (de qualquer natureza). Pela dificuldade em localizar documentos sobre a construção da Igreja da Ordem Terceira ou mesmo sobre a data da fundação da Irmandade Religiosa é que Maria Helena Flexor afirma: A história do edifício da Ordem Terceira, pode-se dizer, começou uma década depois com a obtenção de terras vizinhas ao Convento, onde os irmãos terceiros já tinham uma capela: a de Santa Tereza. As terras foram doadas em 1702 pelos religiosos carmelitas. Frei Antônio de Santa Rosa era o prior. Os detalhes da construção não são conhecidos. Há somente referências esparsas e algumas suposições, baseadas nos estilos arquitetônicos e decorativos. Conforme ocorreu com a Ordem Primeira, apenas depois da criação do IPHAN, em 1937, a memória das obras começou a ter registro com alguma regularidade. (FLEXOR, 2007, p. 64)

Mas o que se sabe é que João Rodrigues Adorno¹⁰ apoiou a causa e em 1702 o Capitão João Rodrigues Adorno e sua esposa D. Úrsula de Azevedo doou e regularizou a posse do terreno onde seriam levantados a capela, a sacristia e o consistório da sede própria da Ordem Terceira do Carmo, anexos ao Convento do 10 Filho do Capitão-Mor Gaspar Rodrigues Adorno que foi recompensado com uma sesmaria com quatro léguas de terras que se limitava entre riachos Pitanga e Caquende, por suas lutas contra os silvícolas que habitavam o litoral do Recôncavo. Ele se estabeleceu no local que seria núcleo inicial da cidade da Cachoeira. Tornou-se um irmão terceiro fez parte da mesa diretora, assumiu o cargo de Prior. O projeto da Igreja seguiu um traçado simples, retangular, tendo seus espaços bem definidos, capela, sacristia, consistório e a parede externa das carneiras constituem a fachada da Venerável Ordem Terceira do Carmo. O Conjunto tem um valor monumental elevado e sua construção possui varias influências estilísticas, pois nem todos os ambientes foram construídos na mesma época.

CAPITULO II - ESTILOS ARQUITETÔNICOS

2.1 Barroco

Com a chegada dos colonizadores principalmente os portugueses no território brasileiro vai ser então necessário a construção de inúmeros prédios e principalmente igrejas das mais diversas ordens religiosas (beneditinos, carmelitas, franciscanos e jesuítas) que aportavam na colônia para catequizar (doutrinar) os habitantes (índios e escravos) das terras recém descobertas garantindo assim permanência da Igreja Católica. Através destes colonizadores (em sua maioria portugueses) o estilo barroco chega a colônia brasileira com mais ou menos 100 anos de atraso, já que este mesmo estilo tem seu início na Europa no final do século XV e este irá prevalecer nas construções brasileiras até o início do século XIX. O Barroco brasileiro vai se compor de inúmeras tendências e tem seu auge artístico a partir de 1760, mas até chegar ao auge este estilo vai passar por inúmeras influências tendo como principais influenciadores deste processo os artistas portugueses, franceses, italianos e espanhóis. Mas essas influências estrangeiras ainda terão que se misturar aos traços dos caboclos, mulatos e índios que trabalhavam nas oficinas dos artesãos descendentes de europeus com atelier no Brasil e destes inúmeros traçados é que serão produzidas as mais belas obras de Barroco brasileiro que temos conhecimento. A azulejaria muito utilizada na decoração do interior das Igrejas, a talha barroca dourada (muitas vezes utilizando o ouro) e o entalhe em madeira e os frontões e fachadas são característica do barroco português que acabou sendo muito utilizado no barroco brasileiro.

Na Bahia o barroco é introduzido no fim do século XVII na decoração, por exemplo, da antiga igreja dos jesuítas, atual igreja Catedral Basílica, cuja construção da capela mor se dá com seus cachos de uva, pássaros, flores tropicais e anjos meninos datada de 1665 - 1670. Entre os anos de 1700 e 1730 surge uma vegetação de pedra esculpida que se espalha nas fachadas, como imitação dos retábulos, seguindo a lógica da ornamentação barroca em 1730 o estilo se consagra e pela primeira vez de uma forma muito ostensiva na fachada em estilo plateresco¹² da ordem terceira de São Francisco da Penitência, em Salvador.

¹² é um estilo arquitetônico exclusivo do renascimento espanhol e apareceu no início do século XV.

O barroco nasce como reação a crise maneirista da forma, porém não como restauração do valor absoluto e universal da forma, mas sim como grandiosa afirmação do valor autônomo e intrínseca da imagem.

Segundo Bebianno Rui:

(...) O barroco é hoje pelo menos entendido como um estilo na história da arte que se inscreve num determinado período da vida da Europa e da América latina. Porém, essa ideia não é ainda como o não foi no passado recente pacificamente aceite pelo conjunto dos historiadores da arte e da cultura.

(...) O barroco é profundamente sensorial e naturalista apela e pelo gozo e as sensações fruídas na variedade incessante do mundo físico. O barroco caracteriza-se pela ostentação e pelo esplendor e pela proliferação dos elementos decorativos.

Esse estilo caracteriza-se pela expressividade no uso da linguagem clássica pela incorporação do movimento e do claro escuro nas composições pelo ideal de criação de um espaço contínuo por sua força expansiva e finalmente pelo princípio de integração das artes. Esta última característica é tão significativa no estilo que dentro dele já não pode mais se dissociar a ornamentação da estrutura compositiva. Sua criação e desenvolvimento estão associados à contra-reforma e por consequência à arte religiosa da igreja católica. Em Portugal ele apresentava especificidades em relação ao barroco italiano e no Brasil também desenvolveu-se com características singulares. É comum neste estilo a utilização de arranques frontões colunas torças mísulas e cartelas. É de modo oblíquo simulando a torção ou o encurvamento das superfícies e nos ornatos empregam-se folhagens de grande relevo a anjos com ricos panejamentos.

O estilo barroco é a resultante de um movimento cultural nas diversas dimensões de arte arquitetura na literatura na música que se desenvolveu no século XVII. Por outro lado, alguns teóricos fazem avançar o estilo barroco teórico fazem avançar o estilo barroco até meados do século XVII, com sua derivação rococó ou rocaile no qual suas formas sinuosas assimétricas são vistas como um processo natural de desenvolvimento do século anterior. Barroco etimologicamente pérola irregular constitui-se até o século XIX como uma expressão bizarra e degenerada. Num primeiro momento, utilizada como instrumento de marketing da igreja católica no período da contra-reforma bem como das monarquias absolutistas, as obras deste estudo negava-se a valorização do ponto de vista artístico.

Neste cenário de depreciação do barroco nulo de qualquer intenção e veia artística Riege e Wolfflin que trouxeram a tona a revalorização das obras barroca no final do século XIX.

Segundo Wolfflin (1984, p. 240)

“para além das diferenças individuais e nacionais de cada artista , a arte barroca , seja na arquitetura e escultura ou no desenho e na pintura caracteriza se por apresentar os objetos como manchas ou mais cor.”

2.2 Rococó

A origem do rococó se dá dos termos franceses *rocaille* (rocallha) e *rococó* tem a mesma raiz semântica constituindo o segundo uma alteração popularizante do primeiro provavelmente por analogia com o termo italiano barroco. Ambos derivam da palavra *roc* pela origem comum em um tipo usual de decoração de jardins no século XVIII, baseado no uso de conchas inseridas em amontoados artificiais de rochas, formando grutas e fontes designando inicialmente esses conjuntos ornamentais, o termo *rocalha* acabou se estendendo ao motivo inspirado em conchas assimétricas que dominou o vocabulário formal do novo estilo.

Segundo a autora Myrian Andrade:

(...)o termo *rocaille* foi usado na França a partir de 1734, para indicar composições a base de conchas ou mais precisamente, de motivos derivados da livre estilização dela. Embora nenhuma acepção pejorativa pareça ter marcado em suas origens, o mesmo não aconteceu a seu sucedâneo rococó, que já qualificava em 1796 no início da era neoclássica, o gosto ultrapassado(...)

O rococó surgiu, portanto como um estilo essencialmente ligado ao desenvolvimento das chamadas artes decorativas e ornamentais firmando se primeiramente nesse setor decorativo para depois avançar na arquitetura externa dos edifícios. Seus mentores foram arquitetos decoradores e ornamentistas sendo eles os principais responsáveis pelas mudanças estilísticas na base de uma evolução formal abrangendo grosso modo oito décadas que vai aproximadamente de 1690 e 1770. O rococó propriamente dito começa por volta de 1730, impulsionado por uma nova geração de vários artistas ornamentistas a rocalha

passar a ter um predomínio absoluto como forma ornamental em composições assimétricas de extrema liberdade e fantasia.

Definida por Germain Bazin:

(...)a rocalha é uma espécie de concha abaulada ou recurvada, com silhueta de contorno irregular recortado a rocalha presta se a infinitas combinações de formas alternando perfis curvos e sinuosos, concavidades e convexidades, vazados e cheios. Associados as rocalhas, os traçados curvilíneos em C ou em S atuam frequentemente como elementos de contenção a expansão desordenadas de suas formas(...)

Elaborado inicialmente no campo das artes ornamentais, o rococó encontrou sua definição formal nas ambientações decorativas internas que concentram o principal interesse dos edifícios ligados ao estilo. O primeiro aspecto que chama a atenção é a predominância das linhas flexíveis e sinuosas que parecem modificar as formas arquitetônicas. O refinamento luxuoso da decoração interna dos prédios mostra o contraste da simplicidade dessa arquitetura externa nos edifícios, na qual o essencial do partido decorativo é assumir o ritmo das fenestrações. Podemos observar que nos anos 60, do século XX, o que se estabeleceu de base para o estudo moderno do rococó é definir como de forma ampla como o principal estilo da época dos setecentos europeus ultrapassando os campos das artes decorativas para se constituir em uma espécie de denominador comum da cultura e das artes do período. É na suavidade do estilo rococó que encontramos a mais bela expressão do mais original barroco brasileiro. Uma extrema religiosidade mais popular devido a associações laicas que se expressa em um espírito contido e elegante gerando templos harmônicos e dinâmicos de arquitetura em planos circulares com suas graciosas decoração em pedra sabão.

O estilo rococó caracteriza-se essencialmente pela utilização de ornamentos de formas irregular e ondulantes conchas estilizadas, mas em seu vocabulário também aparecem alusões a elementos vegetais como flores e folhagens ele surgiu na França no século VXIII sob o reinado de Luis XV como uma moda associada a decoração dos interiores e ao imobiliário apresentando uma expressão arquitetônica substituindo as pilastras colunas e entlabamentos por painéis emoldurados com um delicado perfil na composição das paredes e tetos. O rococó pode ser interpretado como uma suavização e diluição das fontes expressivas e dinâmicas formas do barroco neo o dinamismo é gracioso e leve emprega fundos claros com o

douramento restritos as linhas e aos pequenos ornamentos. O rococó se desenvolveu como reação as formas plúricas barrocas volumosas sólidas e tridimensionais com estruturação nas ordens neoclássicas, ainda reconhecíveis apesar de bastante alteradas nos detalhes, mas todas essas características foram revestidas pelos projetistas do rococó como sendo pequeno em escala e com um delicado esquema decorativo constituindo de curvas interrompidas contra balanceada por uma área lisa e pelo uso de cores leves em contraste e com o colorido opulento e pesado do barroco.

Aqui no Brasil o rococó religioso teve suas primeiras manifestações no Rio de Janeiro e em Pernambuco sendo que o Rio de Janeiro foi a primeira cidade brasileira a conhecer as manifestações do rococó que foi introduzida a partir de 1753 na igreja matriz Santa Rita mas propriamente dita na talha. No Rio de Janeiro o rococó se manifestou sobre tudo na talha e nos interiores visto que teve uma pequena frequência nos ornamentos ou em elementos isolados como as fachadas. Isso se deve a forte tradição do luso rococó local que dificilmente apresenta assimetria na composição sendo essa característica na sua grande maioria restrita a alguns ornatos. Outro aspecto desse estilo que não foi muito aceito é a sua restrição dos elementos clássicos de composição. Nos exemplos cariocas a ornamentação rococó está muitas vezes aplicada sobre pilastras e os elementos arquitetônicos participam da composição. Certo que pode ocorrer ainda estruturas barrocas com ornamentação rococó aplicada. Tal característica se deve ao fato deste estilo está associado muito mais a um esquema de composição de superfícies do que um sistema de conformação de volumes espaços.

O outro estado que também reconheceu a manifestação do rococó foi o Pernambuco só que nesse estado observa se o detalhe suas manifestações se deram na fachada enquanto no Rio de Janeiro foi a decoração foi interna.

2.3 – Neoclassicismo

O termo neoclássico surgiu no início do século XIX, com uma forte conotação pejorativa foi utilizada para denominar uma breve etapa de imitação aparentemente fria dos modelos da Grécia e Roma na busca de uma arte asséptica e impessoal. O neoclassicismo é uma palavra recente foi utilizada primeiramente na

França em 1881, para nomear o estilo de pintura de Nicolas Poussen e em seguida como adjetivo pejorativo para desqualificar o conjunto da arte de índole classicizante dominante na Europa de 1750 a 1830 somente no século XX, a palavra foi introduzida na língua portuguesa, o termo foi como quase toda terminologia classificatória dos períodos da arte.

Segundo o autor Martins Fontes em sua obra o Neoclassicismo (2004, p. 15)

(...)“o período neoclássico se define pela imitação dos outros modelos Greco latino e pela diferença das tendências artísticas menos valorizadas como o barroco e o rococó.”

Na arte neoclássica o fator principal é a volta do clássico suas obras devem possuir um caráter único e universal e não possuir. É importante lembrar que arquitetura neoclássica possui uma única ideologia (a ser compacta e possuir um caráter único e universal, contrapondo-se a arquitetura do barroco que busca a confusão o exagero e a diversidade) não se preocupa com as outras formas, a arquitetura é voltada para o clássico a beleza e a pureza são a sua inspiração. A arquitetura neoclássica teve sua construção no Brasil desde que começou o Iluminismo¹³ uma vez que se estava na era da razão em vez de tradição. É possível afirmar que a influência do neoclássico se deu aqui no Brasil em momentos diferentes e em dois centros maiores do litoral especialmente no Rio de Janeiro, Belém e Recife que tinham contato direto com a Europa.

Com a chegada da missão Francesa, o que se pretendia era substituir um tipo de colonialismo cultural a que se acostumava o povo por outro colonialismo cultural mais sofisticado. No campo da arquitetura neoclássica se solidificou através de Grandjean de Montigny recém-trazido pelos arquitetos da corte, alguns arquitetos principalmente os militares experimentando nos trabalhos da reconstrução de Lisboa, vieram para o Brasil aplicar dentro de suas limitações as regras das composições do neoclássico. Entretanto foi com vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro que se construiu um marco decisivo no comportamento da arquitetura brasileira, que trouxe definitivamente o estilo neoclássico.

¹³ Foi um movimento cultural de elite de intelectuais do século XVIII na Europa, que procurou mobilizar o poder da razão, a fim de reformar a sociedade e o conhecimento prévio.

Com a presença da corte na cidade do Rio de Janeiro sua capital se tornou um centro administrativo legislativo onde se tomava as principais decisões políticas nesta época. Visto que com isso no rio de janeiro foi se introduzindo as primeiras técnicas de construções em especial a de alvenarias. No nordeste o neoclássico foi introduzido graças a Francisco do Rego Barros, conde da boa vista que através de suas manifestações Pernambuco conheceu as primeiras manifestações neoclássicas que foram difundidas através dos artistas Jean Baptiste e Debret. Para o neoclassicismo a arte é a aparência os arquitetos almejavam um estilo ideal simples um belo físico que concorda se entre a beleza do aspecto e suas transformações deixando de lado o estilo tardio e sombrio no final do barroco.

CAPITULO III - DESCRIÇÃO DAS FACHADAS

MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

A igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário apresenta uma fachada típica das igrejas baianas construídas no século XVIII, em contrapartida sua fachada pode ser comparada com a Ordem terceira do Carmo de Cachoeira que apresenta sua fachada do tipo templo, com portada em duas ordens de pilastra, nesse caso as duas se diferenciam também no estilo, pois a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário é do estilo neoclássico já a ordem terceira do Carmo é do estilo barroco com variações renascentistas. A maioria das igrejas construídas na Bahia na segunda metade do século XVII foi marcada, tanto externamente como internamente por esse caráter austero e plano apesar de algumas igrejas apresentarem uma certa barroquização na fachada, através do uso de volutas coroando o corpo central.

Em Cachoeira a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário foi a primeira a utilizar a fachada do estilo templo com torres piramidais em um estilo ainda clássico tardio. Segundo Vilmar Francisco Mayer:

(...)De uma maneira geral, as igrejas construídas na Bahia até o século XVII se caracterizaram por uma semelhança com o estilo desornamentado empregado em Portugal nesse mesmo período que foi denominado por Kubler, de plain architecture, termo traduzido para o português de Portugal como arquitetura chã, que foi praticamente através dos jesuítas e dos engenheiros militares que essa arquitetura desordenadamente vigente em Portugal chegou ao Brasil.(...)

Sua fachada principal é apresentada pela portada central, duas portas laterais menores, por três janelas superiores a do coro sobre suas portadas é apresentada a imagem de dois crucifixos.

Seu frontispício é do tipo templo ladeado por duas torres com terminações piramidais de azulejos. Igreja construída na primeira metade do século XVIII, sendo de uma tradição do estilo neoclássico, sua fachada é absolutamente clássica estilo do século XVII e XVIII, século em que a maioria das igrejas baianas usaram esta arquitetura religiosa colonial.

Outra igreja que podemos está fazendo uma comparação é a Matriz de São Bartolomeu em Maragogipe, que apresenta seu frontispício se apresenta com duas torres arrematadas em pirâmide no mesmo plano da fachada onde o corpo central se apresenta como um plano único e coroado por um frontal clássico.

A ORDEM TERCEIRA DO CARMO

Sua fachada é apresentada do tipo templo com portadas em duas ordens de pilastra sustentando um frontão no estilo de voluta partida. Apesar da diversidade estilística, a fachada mantém um traço rígido, amenizado pelas arcadas que transmitem uma sensação de leveza. Superposta por escudo da ordem terceira em estuque ligando as igrejas da ordem III e do convento, há uma dupla loggia com pilares octogonais sua fachada e datada de 1773 segundo dados do ipac. A fachada em geral no seu todo apresenta um aspecto singelo de linhas retas renascentistas, os cinco arcos rebaixados dessa parte foram fechados por um balcão de madeira e sustentados por pilastra octogonais. A identificação dessas arcadas, com as do claustro o lado oposto, correspondendo do lado do evangelho na capela da ordem foi reservados as carneiras. A planta da igreja seguiu um traçado simples, retangular de modelo tridentino. Do lado do claustro foi construído uma ampla sacristia com três janelas e duas portas por sobre esta se ergueu a varanda de arcadas que se vê na fachada principal um pequeno espaço para funcionar a casa dos milagres e o amplo salão do consistório com duas portas de cada lado dando para o claustro, uma sacada de madeira formava um harmônico conjunto. Espaços bem definidos, capela sacristia e a parede externa das carneiras constituem a fachada da ordem terceira do Carmo.

Segundo Calderón (1971, p 154)

(...)A fachada da capela se “destaca pelas pilastras dóricas dos cunhais e a cornija, ricamente emoldurada, sem imposta nem divisão entre as plantas...” No plano térreo, coroado em arco românico, portal apresentava uma linha inovadora, ladeado por duas ordens de pilastra sustentando um frontão de voluta partida de onde saía, bem centralizado, em gesso, o escudo da ordem. (...)

Abaixo do escudo é visível uma data 1724 ou 1742, registrando, talvez, a conclusão da fachada. A disposição circular dos números leva a uma certa indefinição de leitura. A Ordem Terceira do Carmo está situada na Praça da Aclamação: A fachada da capela é do tipo templo com portada em duas ordens de pilastra sustentando um frontão no estilo de voluta partida superpostas por escudo da Ordem em estuque ligando as igrejas da Ordem III e do convento há uma dupla loggia com pilares octogonais.

Considerações finais:

A importância da realização deste estudo de uma forma geral foi descrever e analisar as fachadas das três igrejas apresentada contudo isso é importante a preservação e manutenção desses patrimônio, vale resaltar que preservar é manter a sua originalidade através de atividades de conservação e atos preservacionistas.

REFERÊNCIAS:

_____. Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia – IPAC/BA. Secretaria de Cultura do Governo do Estado – Notícias. Disponível em: < www.ipac.ba.gov.br/site/conteudo/noticias/noticiaDetalhes.php?codNoticia=232 > Acesso em 13 abr. 2011.

_____, **Originalidade da arquitetura Barroca**, 1945. Record.

_____.Disponível em: < http://cacaunascimento.blogspot.com/2009_09_04_archive.html> Acesso em 02 de maio 2011.

ARGAN, Giulio Carlo. **A “retórica” e a arte barroca**. In._____. Imagem e persuasão . São Paulo: Cia das Letras, 2004.

ARNIZÁU, José Joaquim de Almeida. **“Memória; topográfica, histórica, comercial e política da Vila da Cachoeira da Província da Bahia”** Revista Trimestral do Instituto Brasileiro Histórico e Geográfico e etnográfico do Brasil. Rio de Janeiro. (1862. 745 p.) google books - Acesso em 29 abr 2011.

BAHIA. Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo (SIC) - IPAC-BA. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural**. Monumentos e Sítios do Recôncavo, II. Salvador, 1984. Disponível em: <http://www.ipac.ba.gov.br/site/conteudo/downloads/arquivos/arquivo150/inventario_IPAC.rar > Acesso em 14 jan 2011.

BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa Barroca no Brasil**. Rio de Janeiro, ed. Record, 1956. 2 Vol.

BAZIN, Germain, **Barroco e Rococó**. São Paulo; Martins Fontes: 1993

BEBIANO, Rui. **O significado do Barroco – debate em aberto. Barroco, espetáculo e política**. In: D. João V Poder e espetáculo. Lisboa: Aveiro, 1978.

BOMFIM, Márcia Virgínia Pinto. **O Recôncavo Baiano e o seu funcionamento técnico**. Salvador, BA, 2007. 116f. Dissertação (mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, UFBA. Disponível em: <http://www.posgeo.ufba.br/disserta%C3%A7oes/Marcia_Virginia_Pinto_Bomfim_Dissertacao_Mestrado_Final%5B1%5D.pdf> Acesso em 25 abr 2011.

BRASIL . Senado Federal do. **PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 242**, DE 2002. Autoriza o Poder Executivo a criar a Universidade Federal de Cruz das Almas– BA, por desmembramento da Universidade Federal da Bahia – UFBA, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/publicacoes/diarios/pdf/sf/2002/11/05112002/19624.pdf> > Acesso em 01 mai. 2011.

BURY, Jonh, **Arquitetura e Arte no Brasil Colonial**, São Paulo. Nobel. 1991.

Cachoeira Online - Uma análise sobre o cotidiano, história e cultura de Cachoeira, Recôncavo, Bahia, Brasil e mundo. Disponível em: <<http://cacaunascimento.blogspot.com/search?updated-max=2011-04-28T10%3A28%3A00-03%3A00&max-results=8> > Acesso em 02 de maio 2011.

COSTA, ALEX ANDRADE: **Arranjos de Sobrevivência**: autonomia e mobilidade escrava no Recôncavo Sul da Bahia (1850-1888). Santo Antonio de Jesus, BA, 2009. 195f. Dissertação (mestrado em História Regional e Local). Departamento de Ciências Humanas – Campus V. Universidade do Estado da Bahia, UNEB. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=136412 > Acesso em 29 abr 2011.

COSTA, Sebastião Heber Vieira. **Imagística de Cachoeira**. Salvador: Faculdade 2 de julho, 2008. V. 1. 164 p. Disponível em: <http://www.fdj.com.br/publicacoes/outras/download/imagistica_de_cachoeira.pdf > Acesso em 25 abr 2011.

DUARTE JUNIOR, Romeu. Programa Monumenta: uma experiência em preservação urbana no Brasil. **In: Centro de Preservação Cultural da Universidade de São**

Paulo, n. 10, p. 49-88, maio/out 2010. Disponível em: < <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n10/04.pdf> > Acesso em 02 de maio 2011.

FERNANDES, Luydy Abraham; OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de. **Aspectos da "Vila de Cachoeira" no final do século XVIII**: apontamentos e reflexões. Revista Recôncavos, v. 1, p.13, 2007

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0** - Edição eletrônica autorizada à POSITIVO INFORMÁTICA LTDA, 2004.

FLEXOR, Maria Helena Matue Ochi. (Org.); CAMARGO, Maria Vidal de Negreiros (Org.); LACERDA, Ana Maria (Org.); SILVA, Maria Conceição Barbosa da Costa (Org.). **Conjunto do Carmo de Cachoeira**. 1. ed. Brasília DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2007. v. 1. 237 p

GUERRA FILHO, Sergio. A. Diniz. **O Povo e a Guerra**: Participação Popular na Guerra de Independência na Bahia (1822-1823). Salvador, BA, 2004. 140f. . Dissertação (mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, UFBA. Disponível em: < http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/O_Povo_e_a_Guerra.pdf > Acesso em 25 abr 2011.

HENRIQUE, Wendel. **Cidades médias e pequenas da rede urbana do Recôncavo da Bahia. Uma análise sobre Cachoeira**. In: 12º Encontro de Geógrafos da América Latina, 2009, Montevidéo. Anais do 12. EGAL. Montevidéo : Universidade de la Republica, 2009. v. 01. p. 01-12. Disponível em: < <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/87.pdf> > Acesso em 22 abr 2011.

Inventário de Proteção do Acervo Cultural - IPACBA BAHIA.Secretaria da Industria,Comercio e Turismo(SIC) - IPAC-BA, Coord. AZEVEDO, Paulo O.D. de. Inventário de Proteção do Acervo Cultural, Salvador,SIC,1984, 2ª edição Baixar e instalar - (267 MB)

MARQUESE, Rafael de Bivar. **A dinâmica da escravidão no Brasil**: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo,

p. 107-123, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/nec/n74/29642.pdf> > Acesso em 20 abr 2011.

MAYER, Francisco Vilmar, **Aspectos gerais da arquitetura religiosa colonial baiana**. PROPA, UFRGS, 1999.

NEVES, Juliana Brainer Barroso. **COLONIZAÇÃO E RESISTÊNCIA NO PARAGUAÇU – BAHIA, 1530 – 1678**. Recife, PE, 2008. 141f. Dissertação (mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, UFBA. Disponível em: < http://www.ffch.ufba.br/IMG/pdf/2008Juiliana_Brainer_Barroso_neves.pdf > Acesso em 15 abr 2011.

OLIVEIRA, Myrian A. Ribeiro. **O rococó religioso no Brasil**. São Paulo, Cosac e Najy. 2003.

RIBEIRO, Elisa Moura. Desconstruindo Uma Trajetória para a Independência: Bahia (1808-1823). In: **2º Encontro de Novos Pesquisadores em História**, 2010, Salvador. Disponível em: < http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/DESCONSTRUINDO_UMA_TRAJETORIA_PARA_A_INDEPENDENCIA_-_BAHIA_1808-1823_Elisa_de_Moura_Ribeiro_.pdf > Acesso em 22 abr 2011.

SANTOS, Edmar Ferreira. **Sambas, Batusques e Candomblés em Cachoeira - BA: A construção ideológica da cidade do feitiço**. Salvador, BA, 2007. 213f. Dissertação (mestrado em Estudos Étnicos e Africanos). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Centro de Estudos Afro-Orientais. Universidade Federal da Bahia, UFBA. Disponível em: < http://www.posafro.ufba.br/_ARQ/EdmarFerreiraSantos.pdf > Acesso em 29 abr 2011.

SANTOS, Rogerio Fatima dos. **FERROVIAS E INDÚSTRIAS NA BAHIA : 1850-1920** . Disponível em: < www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_/rogerio_fatima.pdf > 30 de abr 2011.

SMITH, C. Robert. **Arquitetura Colonial as artes na Bahia**, Salvador, livraria progresso, 1955.

SOUSA, Maria Aparecida Silva de. **História, Memória e Historiografia: Abordagem sobre a Independência na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1894-1923)**. In: Politéia: História e Sociedade, v. 5, nº1, 2005. Revista do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, BA. Disponível em: < <http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/view/197/219> > Acesso em 20 abr 2011.

TIRAPELLI, Percival. **Arte sacra Colonial: Barroco Memória Viva**. São Paulo, UNESP. 2001.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. CALH – Centro de Artes Humanidades e Letras. Disponível em: < <http://www.ufrb.edu.br/cahl/index.php/cursos> > Acesso em 10 abr. 2011.

ZANINI, Walter. (Org) **Historia Geral da Arte no Brasil**. Vol 2 São Paulo : Instituto Walther Moreira Salles,1983.

ANEXOS

ANEXO A- Villa de Cachoeira

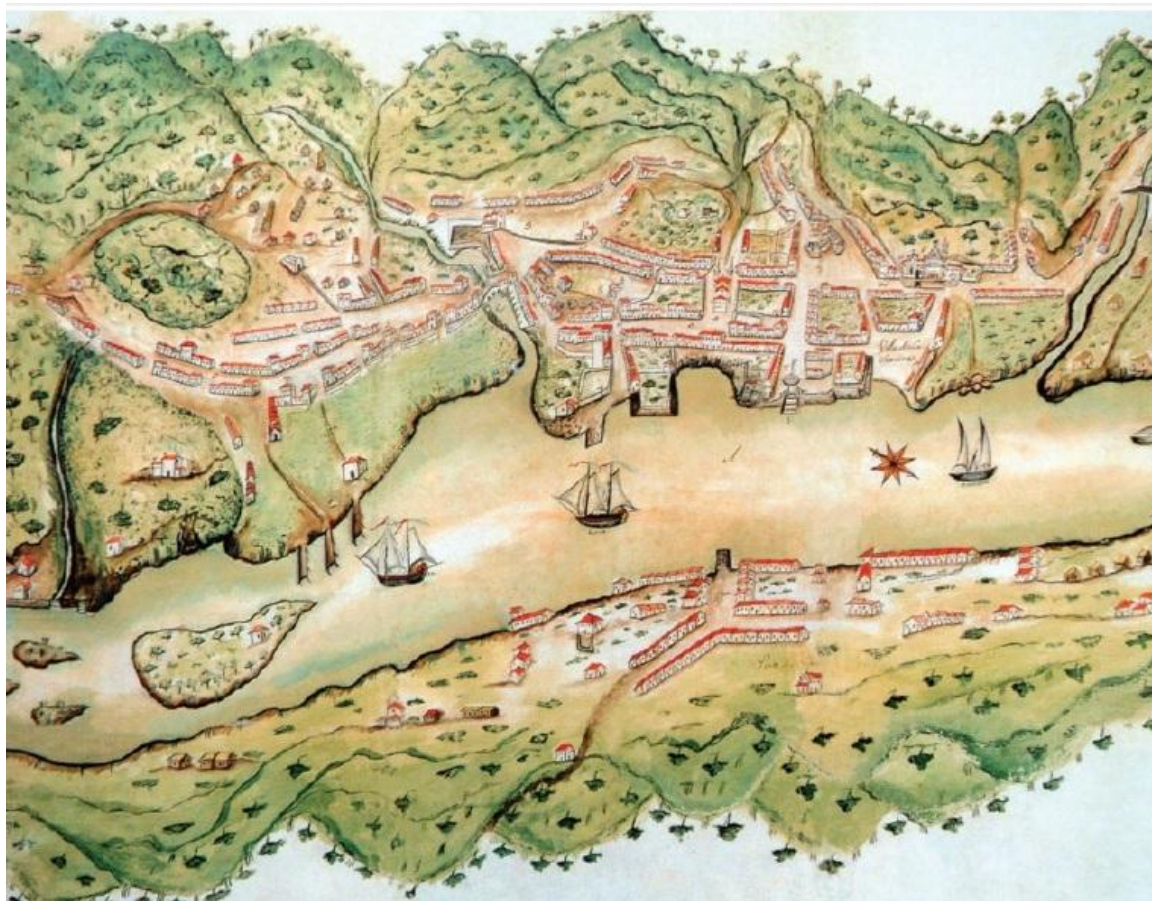


FIGURA 1 : Gravura aquarelada. Título: "Mapa da Vila de Cachoeira". s/data. Autor não identificado.
Fonte: Reproduzida no livro: FLEXOR, 2007, p. 14.

ANEXO B – Vista Geral de Cachoeira/BA

FIGURA 2 Vista Geral de Cachoeira/BA -Tomada de São Félix, Foto de Caio Reisewitz, 2007.
Fonte: FLEXOR, 2007, p. 14.

ANEXO C – A Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte**FIGURA 3- Bruno de Jesus do Lago**

ANEXO D – Igreja NSr. Matriz do Rosário

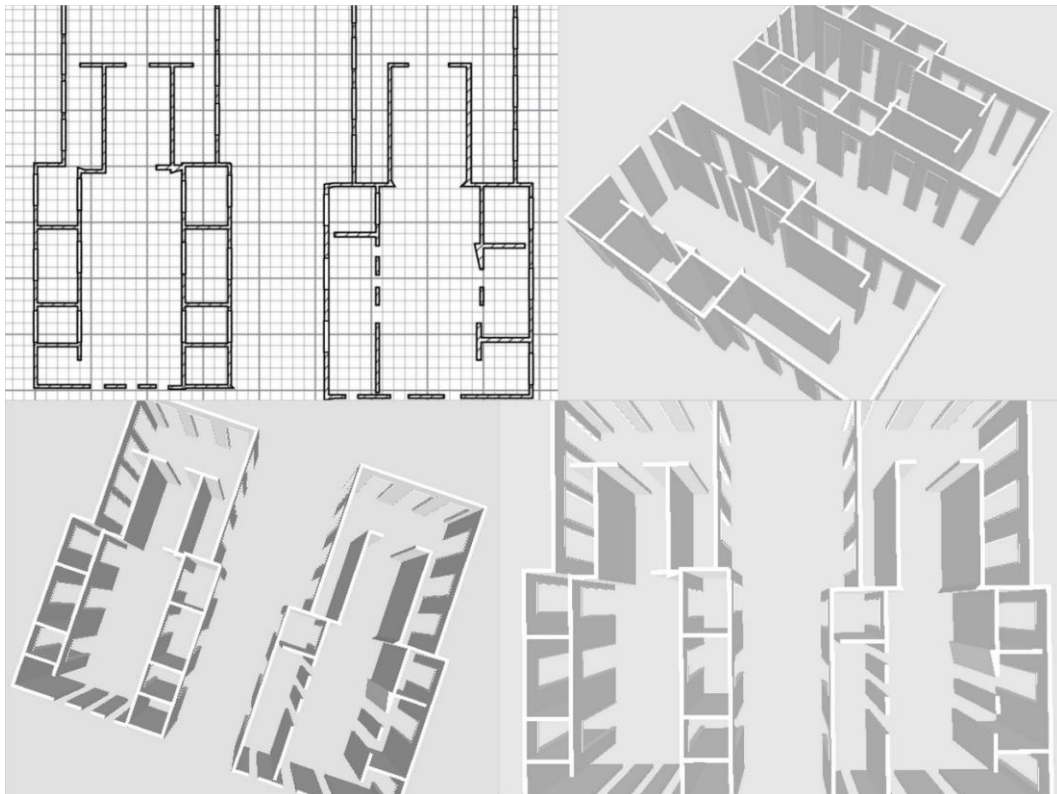
FIGURA 4 : fachada Igreja Matriz
Fonte: Autora, 2012.

ANEXO E – Igreja Ordem Terceira do Carmo



FIGURA 5 Fachada da Ordem Terceira do Carmo
Fonte: Autora, 2012.

ANEXO – Planta Baixa
Igreja NSr. Matriz do Rosário



**ANEXO - Planta baixa da igreja
Ordem Terceira do Carmo**

